

Resenha

SANTOS, Boaventura de Sousa. A cruel pedagogia do vírus. Coimbra: Edições Almedina, 2020, 32 p.

Book review of

SANTOS, Boaventura de Sousa. A Cruel Pedagogia do Vírus. Coimbra: Edições Almedina, 2020, 32p.

Luiz Carlos Nunes de Santana

Universidade Católica de Santos

Resumo: Trata-se da resenha do livro “A Cruel Pedagogia do Vírus”, de Boaventura Sousa Santos publicado em abril de 2020, em que o autor, na tentativa de romper com abissalidades, dispõe-se a refletir pedagogicamente sobre a realidade a que está submetida a humanidade no contexto da pandemia, a partir de proposições sobre os potenciais conhecimentos que podem se tornar aprendizados no período pós-pandemia.

Palavras chave: Pedagogia do vírus. Pandemia. Pós-pandemia

Abstract: This is a review of the book “A Cruel Pedagogia do Vírus” (“The Cruel Pedagogy of the Virus”), by Boaventura Sousa Santos, published in April 2020, in which the author, in an attempt to break up with abyssalities, pedagogically reflects on the reality that the humankind is subject to during the pandemic based on propositions about the potential knowledge that can become lessons to learn in the post-pandemic period.

Keywords: Pedagogy of the virus. Pandemic. Post-pandemic.

O ano de 2020 já ficou marcado por uma crise mundial, além das tantas existentes, provocada por um vírus que, enquanto parasita - um micro-organismo invisível -, deixou rastros bem visíveis e igualou Continentes, Nações, Etnias, Gênero e as Condições Sociais mais diversas. Essa pandemia marcou a História, mas evidenciou outras crises, entre as quais a da conduta ético-moral e a precarização dos sistemas de saúde, dos desgovernos, das improbidades administrativas, mas também evidenciou o heroísmo dos profissionais da saúde, das ações individualistas e solidárias.

Os nivelamentos favoreceram a indagação: o que será depois da pandemia? Enquanto a mídia veicula o slogan do “novo normal”, a leitura da obra *A Pedagogia do vírus* de Boaventura Souza Santos pretende colaborar com a formação da consciência global na perspectiva do “além do normal”, com a valorização da vida, pois o normal, mesmo em sendo postulado como “novo”, pode significar unicamente a manutenção do *status quo* precário já existente.

Nos cinco capítulos do livro, o autor nos contempla com uma leitura crítico-reflexiva com expectativa praxiológica sobre as mudanças provocadas pela pandemia no mundo, retomando alguns conceitos que lhes são peculiares. No primeiro capítulo, *Vírus: tudo o que é sólido se desfaz no ar*, ao questionar sobre os potenciais conhecimentos decorrentes da pandemia provocada pelo coronavírus, traz o debate das ciências sociais sobre a melhor forma de conhecer a verdade e a qualidade das instituições, se nos momentos de normalidade ou nos momentos de crise. A partir desse questionamento, fundamenta suas ideias em eixos temáticos que tratam da normalidade da exceção, da elasticidade do social, da fragilidade do humano e da sociologia das ausências. Esses eixos compõem a linha de seu raciocínio que envolve questões voltadas à crise permanente e à decorrente transformação em relação a problemas políticos, entre os quais, a morosidade do sistema nas mudanças sociais ao longo da história e a pseudo celeridade na resolução dos problemas causados pela pandemia. Nesse sentido, alerta para a perspectiva da ruptura com a ideia conservadora da não existência de vida fora do sistema imposto pelo hipercapitalismo e sinaliza que, apesar da comoção mundial que a pandemia provocou no mundo, as zonas de invisibilidade, nas quais a diversidade e as diferenças prevalecem, tendem a multiplicar-se.

Nesse sentido, o segundo capítulo, *A trágica transparência do vírus*, volta-se para a constatação da dicotomia existente entre a realidade vivida pela grande maioria da população e os debates ideológicos, políticos e culturais que, sem a necessária transparência, pouco se identificam com os interesses da população em vista de que privilegiam os mercados embasados na ideia da pandemia como alegoria e excepcionalidade.

Segundo Boaventura de Sousa Santos, a pandemia provocada pelo coronavírus¹⁹ exprime muito mais do que a caoticidade e do que “a morte sem

fronteiras”, conforme expressa o autor. Ela exprime a visibilidade do poder do mercado em contraposição à fragilidade humana e ao perigo de extinção dos seres humanos da terra. Considera que a “excepcionalidade da exceção” identifica-se à liberdade caótica promovida pela pandemia e, assim, tece crítica aos intelectuais que abandonaram a tensão entre as ideologias e as necessidades dos cidadãos comuns para mediar entre si e as suas “pequenas-grandes” divergências ideológicas.

A sul da quarentena, terceiro capítulo do livro, trata do aspecto discriminatório da quarentena e das assimetrias, especificamente nos grupos do Sul. Na acepção do autor, o Sul designa um espaço-tempo político, social e cultural e corresponde à metáfora do sofrimento humano, em decorrência da exploração capitalista e da discriminação racial e sexual. Nos grupos do Sul, Boaventura de Sousa Santos identifica as mulheres, os trabalhadores (precários, informais e ditos “autónomos”), o grupo dos trabalhadores de rua, os sem abrigo e a população de rua, os moradores nas periferias pobres das cidades e nas favelas, os internados em campos de internamento para refugiados, imigrantes indocumentados ou populações deslocadas internamente, os deficientes e os idosos. Nessas identificações o autor especifica as grandes dificuldades enfrentadas por esses grupos, nas suas especificidades, tecendo críticas aos governantes e a OMS, cujas recomendações parecem dirigidas à classe média. Na lista dos que estão no Sul da quarentena, outras assimetrias tornaram-se invisíveis diante do pânico provocado pela pandemia, entre as quais a situação dos presos e das pessoas com problemas mentais.

No quarto capítulo, *A intensa pedagogia do vírus: as primeiras lições*, o autor elenca seis lições decorrentes da pandemia: Lição 1. O tempo político e mediático condiciona o modo como a sociedade contemporânea se apercebe dos riscos que corre; Lição 2. As pandemias não matam tão indiscriminadamente quanto se julga; Lição 3. Enquanto modelo social, o capitalismo não tem futuro; Lição 4. A extrema-direita e a direita hiper-neoliberal ficam definitivamente (espera-se) descreditadas; Lição 5. O colonialismo e o patriarcado estão vivos e reforçam-se nos momentos de crise aguda; Lição 6. O regresso do Estado e da comunidade.

Nessas lições, o autor identifica situações diversas que matam mais do que a pandemia e discorre sobre conflitos, entre os quais a crise da pandemia versus crise ecológica e a constatação das pandemias como uma autodefesa das violações feitas à natureza. Observa que a incongruência entre as recomendações da OMS e a realidade vivida por grande parte da população evidencia o descrédito do neoliberalismo e do capital financeiro, em vista de que este modelo ignora os direitos humanos, o serviço público e, diante da possibilidade de outras pandemias, esse modelo não é capaz de dar sustentação ao Estado. Nessa perspectiva, afirma que o capitalismo precisa ser impedido, em face da insuficiência em subsidiar o Estado, demonstrando que essa falibilidade é identificada principalmente nos governos que são liderados pelos partidos

de extrema-direita ou de direita neoliberal que mais falharam no combate à pandemia, ao atacar a investigação científica e a liberdade de expressão. O autor conclui este capítulo, reiterando que o reconhecimento da gravidade do coronavírus adquire caráter de globalização quando a população dos países ricos do Norte é atingida, bem como a política “utilitarista” que busca a preservação dos mais rentáveis e o esquecimento dos dispensáveis.

No quinto e último capítulo, *O futuro pode começar hoje*, Boaventura de Sousa Santos aborda as possibilidades de criação de novos modelos na pós-pandemia, considerando não apenas a capacidade das sociedades de adaptar-se a novos modelos de vivência em vista do bem comum, mas também a necessidade de se apresentarem alternativas para a sobrevivência da humanidade. O retorno à “normalidade”, no dizer do autor, trará muitas interrogações a respeito do desemprego, da perda de rendimentos, do atraso na educação, do desaparecimento do Estado de exceção, entre outros. Em relação ao Estado, questiona se a defesa da vida em tempos de pandemia terá continuidade. Esta é uma dentre tantas interrogações que comovemos perguntas em um universo de questionamentos que envolvem a humanidade e a defesa da vida. Em um universo em que predominam as perguntas, o autor nos mostra, em suas conclusões, que os problemas anteriores à pandemia continuarão a existir e novos problemas surgirão, possivelmente, com maior gravidade devido ao aumento da pobreza. Nesse sentido, sinaliza que a pobreza no mundo pode ter fim, desde que não exista a separação entre processos políticos e processos civilizatórios que fomentem um posicionamento mais humilde da humanidade.

Na tentativa de romper com abissalidades e, portanto, na proposição de um novo paradigma que propicie mais liberdade em qualquer outra pandemia viral que venhamos a enfrentar, o autor apresenta os princípios de regulação da sociedade moderna, Estado, mercado e comunidade sinalizando a necessária inversão de prioridades, até então dadas ao mercado, em que a preservação do meio ambiente e da vida humana sejam as metas para a sobrevivência da humanidade.

Referência

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

Sobre o autor:

Luiz Carlos Nunes de Santana é Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Santos e doutorando na mesma instituição. É licenciado e bacharel em Filosofia, bacharel em Teologia, pela Universidade Católica de Santos. É Diácono Permanente da Diocese de Santos. É professor de Filosofia na rede pública de ensino da Baixada Santista.

Recebido em julho de 2020

Publicado em agosto de 2020